

funciona como derisão, rebaixando-a, apesar de todos os seus atributos e de empunhar a espada em riste, como um falo ereto, que nos evoca a «resposta» de Orlan a L'Origine du Monde (1866) de Courbet com o seu L'Origine de la Guerre (1989).

Voltaire e Zé Povinho segundo Vitruvius põem-nos diante de estereótipos de modelos de comportamento humano recorrentes nas sociedades ocidentais: o livre-pensador iconoclasta, que encontramos desde o Iluminismo às gerações hippie, de Maio 68 ou «alternativa», e o símbolo do povo explorado que se rebela, nem que seja só com um manguito, contra quem o oprime. Contudo, enquanto na visão «atualizada» de um Voltaire «cool» subjaz uma profunda simpatia pela condição desses intelectuais que ajudaram a por de pé o mundo contemporâneo, no novo ethos que é dado a um Zé Povinho erigido a símbolo pela mão da geometria de Vitruvius/Leonardo sublinha-se o contraste entre a alienação da figura pelos inúmeros entretenimentos com que o Poder sabe adormece-lo – a «bola», as «bonecas», as «minis» – e a sua capacidade de revolta violenta, infelizmente as mais das vezes adormecida pelos «brandos costumes»...

O terceiro par – Eva / Ecce Super Homo – transporta-nos para dimensões religiosas e existenciais, revisitadas num registo que articula vários palimpsestos da cultura visual erudita e algum imaginário da BD e do cinema da cultura de massas. Só não é um «encontro improvável» porque, de acordo com a tradição judaico-cristã, foi por Eva que se deu a Queda do Homem, que o Filho do Homem (Jesus Cristo, que foi apresentado como Ecce Homo) veio resgatar. De resto, em Eva, o fundo, emprestado do incunábulo Crónica de Nuremberga, uma espécie de Wikipédia do final do século XV, refere



explicitamente a narrativa visual do Pecado Original, enquanto, em Ecce Super Homo, se cita, com muita liberdade e criatividade, essa magnífica pintura icónica do século XV português (embora só a conheçamos por cópias já quinhentistas) que representa o Ecce Homo de corpo macerado pela Flagelação, olhos tapados pelo sudário furado pelos espinhos da coroa e as mãos atadas por uma corda. As «atualizações» a que Camilo Alves procede nestes dois temas apontam em sentidos quase opostos: enquanto o gesto trivializado de Eva não esconde, antes enfatiza, a sensualidade da Tentação, a expressão pungente e as mãos estendidas do idoso que quase boia dentro do fato do Super-homem, pisando a corda caída aos seus pés, erguem-se como um grito mudo de uma Humanidade aturdida e afogada pelas imagens contraditórias do seu destino e redenção.

No seu conjunto, as oito pinturas apresentam-se como originais e interpelantes «Crónicas do Mundo», como lhes chamei, sem preocupações de inventário exaustivo, que caberia às ciências sociais e não à arte, mas com profundo sentido crítico, ricas e cultas referências e desapiedada visão irónica, por vezes mesmo sarcástica, como é da melhor tradição artística do passado e do presente. Nelas e com elas, Camilo Alves, ao mesmo tempo que exalta a Pintura como «fazer» e como «intervenção», interroga, sem falsos pudores e sem oportunismos de conveniência ou moda, os estereótipos banalizantes e as imagens castradoras com que uma cultura globalizada mascara aqueles que, em cada época, vamos descobrindo como os verdadeiros valores humanos.

Lisboa, 4 de Dezembro de 2014

Fernando António Baptista Pereira



CAMILO ALVES

Luís Camilo Alves nasceu em Lisboa, em 1972. Licenciado em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2002).

Luís Camilo Alves born 1972, in Lisbon. Graduated in "Communication Design" by the College of Fine Arts of Lisbon University (2002).

Fernando António Baptista Pereira faz uma apresentação da exposição durante a inauguração.

Exposições / Exhibitions :

- 2015 "Figuras Icónicas", Galeria Arte Periférica, Lisboa.
- 2013 "Fábulas e Historietas", Galeria Arte Periférica, Lisboa.
- 2012 "6 Divisões, 6 Artistas", Travessa do Alcaide - 1, Lisboa.
- 2011 "Lisbo-A-njos / Lisbon'Angels", Art Gallery - Café dos Artistas.
- 2010 "O Fado", Paula Cabral Galeria de Arte
- 2010 2ª Exposición Internacional de Arte Contemporâneo – "Vive-Arte" / Galería de Arte Sala-Taller María Nieves Martín, Villafranca de los Barros, Espanha.
- 2009 15ª Exposição Internacional de Artes Plásticas de Vendas Novas, Centro Sócio-Cultural de Vendas Novas.
- 2002 Instalação "Quiet Room", Exposição Pavilhão 21-C, Hospital Júlio de Matos

Agradecimentos / Acknowledgements :

Pedro Reigadas e Anabela Antunes, Fernando António Baptista Pereira, Domingos e Madalena Andrade e Sousa, Bernardo Júdice da Costa, Filipe Homem Fonseca, João Madeira da Silva, Maria Aguayo, Afonso Bustorf, Henrique Forrester Zamith, Rui Costa, Gabi, Aguinaldo Cunha, Pedro Zamith, Jorge Estrela, Guy Magalhães Pereira, Carlos Barahona Possollo, Armando Brito, Pedro Castel'Branco, alunos do Atelier Terra de Siena, meus amigos e minha família, e em particular à Inês, **a todos agradeço reconhecido pelo constante apoio e incentivo.**

Imagem da capa: Zé Povinho Segundo Vitruvius, 2014, óleo sobre tela, 100 x 100 cm

Cover image: **Zé Povinho After Vitruvius**, 2014, oil on canvas, 39,3 x 39,3 in
[Zé Povinho is a national personification of the portuguese everyman]



Centro Cultural de Belém, Loja 3, 1449-003 Lisboa
Tel.: 213 617 100
ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt
Todos os dias das 10h às 20h

arteperiférica
GALERIA

CAMILO ALVES

FIGURAS ICÓNICAS

ICONIC FIGURES

31 de Janeiro a 4 de Março de 2015



O ENTRETENIMENTO DE ZÉ POVINHO E OUTRAS CRÓNICAS DO MUNDO NA PINTURA DE CAMILO ALVES

Nesta sua segunda exposição individual, Camilo Alves, formado em Design de Comunicação mas com uma longa e profunda ligação quase umbilical à Pintura, aprofunda, nas oito telas que apresenta, os dois principais tópicos que, desde a sua primeira exposição, têm vindo a estruturar a sua visão do que entende por essa disciplina artística, ao mesmo tempo tão identificável e de abrangências tão fugidias em tempos epistemológicos de «campos expandidos»: a referência à História (e não apenas à História da Pintura) e ao Mundo que nos rodeia e a capacidade de intervenção da Pintura na realidade atual como instrumento privilegiado – e de certa maneira único – de interrogação de imagens, símbolos e ícones de uma cultura massificada e globalizada em que se sincretizaram estratos culturais de proveniência social e geográfica diversificada. Falamos, claro, do modo como Camilo Alves vê e pratica a Pintura, um modo que persiste em não abdicar de uma tradição de ricas e fecundas processualidades (dos registos de intenso e ácido realismo à utilização de modelos reais) que – como bem se prova – podem ser incessantemente renovadas e postas criativamente ao serviço dessa inesgotável capacidade de interrogação crítica da imagem, quer no capturar irónico de estereótipos históricos e artísticos e no jogo que estabelece entre eles, quer na exploração cruzada das suas múltiplas e contraditórias relações com o tempo que passa... A exposição, que eu preferiria chamar de

instalação iconográfica, apresenta oito telas totalmente individualizadas – das quais falarei apenas de seis, as que estavam concluídas quando este texto foi elaborado – que se podem oferecer à leitura pelo espectador em pares de intercorrespondências. Essas relações decorrem, por vezes, de associações quase inevitáveis, por proximidade ou contraposição temática, noutros casos inscrevem-se numa lógica de encontros improváveis...

Na primeira hipótese está claramente o par D. Sebastião / Napoleão, na segunda insere-se o par Voltaire / Zé Povinho segundo Vitruvius, sendo que o terceiro par – Eva / Ecce Super Homo – parece, à primeira vista, inscrever-se na segunda hipótese, a dos encontros improváveis, mas, como veremos, decorre claramente da primeira, a contraposição temática. As telas D. Sebastião e Napoleão irmanam-se não apenas nas referências bélicas das figuras representadas mas sobretudo pelo recurso ao universo dos brinquedos de infância, embora de sinal contrário nas duas composições. Em D. Sebastião, a espada e outros brinquedos de guerra, a coroa ou o boneco a arder colocam-nos perante o aforismo da Psicologia que nos lembra que «os brinquedos e as brincadeiras de infância são os brinquedos e as brincadeiras do adulto», com todas as consequências trágicas que daí advêm. No caso de Napoleão, o cavalo de pau que a figura monta num certo desconforto



Napoleão, 2014, óleo sobre tela, 105 x 90 cm
Napoleon, 2014, oil on canvas, 41,3 x 35,4 in



Ecce Super Homo, 2014, óleo sobre tela, 116 x 89 cm
Ecce Super Homo, 2014, oil on canvas, 45,6 x 35 in



Voltaire, 2014, óleo sobre tela, 116 x 89 cm
Voltaire, 2014, oil on canvas, 45,6 x 35 in



D. Sebastião, 2014, óleo sobre tela, 100x 90 cm
King Sebastian, 2014, oil on canvas, 39,3 x 35,4 in